

José Eduardo Agualusa

A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL
DOS PÁSSAROS

(onze contos sobre anjos, demónios,
e outras pessoas quase normais)



D. QUIXOTE

Este livro segue o Novo
Acordo Ortográfico de 1990.



Título: *A Educação Sentimental dos Pássaros*
© 2011, José Eduardo Agualusa e Publicações Dom Quixote
Edição: Cecília Andrade
Revisão: Clara Boléo

Este livro foi composto em Rongel,
fonte tipográfica desenhada por Mário Feliciano
Capa e ilustração: Rui Garrido
Fotografia do autor: © Jorge Simão
Paginação: Segundo Capítulo
Impressão e acabamento: Multitipo

1.ª edição: Setembro de 2011
Depósito legal n.º 331 185/11
ISBN: 978-972-20-4704-3
Reservados todos os direitos

Publicações Dom Quixote
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal
www.dquixote.pt
www.leya.com

ÍNDICE

A educação sentimental dos pássaros	11
Enquanto o fogo avança	33
Disse chamar-se Escuridão	47
Uma pessoa quase normal	53
Alá depois da fátwa	59
Rio Negro	67
Filosofia de elevador	73
O quarto anjo	81
A última fronteira	87
Sermão em parábolas	93
Hillary	101
Notas	121

Para a Marília Gabriela e Patrícia Reis

A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL
DOS PÁSSAROS

Fala Jonas Savimbi

Atingiram-me nas costas. O impacto da bala empurrou-me e caí. Sinto que continuo a cair, estendido de bruços na lama, enquanto a manhã estala e cresce ao meu redor. Instantes antes do ataque havia pássaros a cantar entre a folhagem. Se abrisse os olhos veria a terra vermelha e o verde muito vivo do capim. Assim, de olhos fechados, abre-se na minha memória uma paisagem quase idêntica. Escuto, não os tiros, e há tiros por todo o lado, e sim o galopar do comboio. Ouço-o arfar num esforço metálico. O meu coração bate ao compasso da máquina, tam-tam, tam-tam, tam-tam, num ritmo cada vez mais rápido. Uma menina loira debruça-se a uma das janelas. O sorriso dela devolve-me o alento. Continuo a correr. A locomotiva alcança a primeira curva. Envolve-me uma nuvem de fumo muito branco e de fagulhas ardentes. Detenho-me, aflito, e quando recupero a vista o comboio

já está longe. Despede-se num uivo triste. O cabelo loiro da menina cintila, lá muito ao fundo, e eu choro porque fiquei para trás.

Fala o escritor

Nos anos trinta do século passado, o pequeno edifício da estação dos caminhos-de-ferro, na vila de Munhango, estava pintado de um amarelo intenso e melancólico, como se o iluminasse por todos os lados um perpétuo poente. Ao olhar para ele, fosse qual fosse a hora, os viajantes experimentavam uma saudade fantasma. Sabiam que nunca antes tinham estado ali. Todavia, doía-lhes na alma a tristeza do lugar. Quase todos deixavam a vila com a sensação de estarem abandonando alguma coisa de si próprios. Anos mais tarde, muitos ainda sorriam – um sorriso um pouco triste – quando por acaso recordassem a rápida passagem por Munhango:

«Ah, aquela estação lá no interior de Angola, tão bonita! Como se chamava?»

Ao ler o que acima deixei escrito talvez algum leitor mais idoso erga o sobrolho, irritado, antes de protestar que não, que não, que na realidade a estação estava pintada com aquele cor-de-rosa seco, comum à maioria dos edifícios públicos nos territórios ultramarinos. Lamento se os desiludo: estou-me nas tintas para a realidade.

Loth Savimbi gostava de se sentar na gare, à sombra fresca do pequeno alpendre – «ao ar lento», como ele dizia, imitando o português um pouco trôpego de um colega. Ficava ali, lendo os jornais, depois do almoço, enquanto o sol se acirrava contra o ferro dos carris. Foi naquele lugar que a velha Francisca o encontrou na tarde do dia três de agosto. «Pai», chamou-o, na mansidão do seu umbundo: «Venha depressa que à sua esposa, Helena, lhe nasceu um filho.»

Mesmo não sendo ainda o Chefe da Estação, cargo para o qual seria nomeado em 1942, Loth Savimbi gozava de certa autoridade e do respeito de colonos e filhos da terra, com exceção do Padre Antero, um septuagenário meio surdo, meio cego, que o via como um concorrente feroz no árduo combate pela conquista das almas. Loth estudara no Instituto Currie, no Dondi, fundado em 1914 por missionários metodistas norte-americanos e canadenses, tornando-se pastor. Levava a religião muito a sério. Onde quer que chegasse, logo construía uma casa de pau a pique para receber os fiéis, e outra, mais pequena, para albergar uma escola. A cortesia com que tratava toda a gente cativava brancos e negros, animistas e católicos, sendo natural, pois, que os representantes da Igreja Católica não o vissem com bons olhos. A intriga dos padres explica a brevidade com que permanecera em anteriores estações e apeadeiros. Hoje ainda é possível seguir as deambulações do esforçado pastor

através do rosário de escolas e igrejas que deixou atrás de si: Cubal, Ambandi, Sapessi, Chipeio, Jilinga, Belmonte, Katele-Kalucinga, Salvador-Mussende, Gumba, Chivinga, Lonhoha, Vila Alegre, Kalucinga, Vila Estrela, Bela Vista, Ekosa, Etumbuluko, Boa Esperança.

Sakaita Savimbi, o pai de Loth, odiava os portugueses. O velho combatera, ao lado de Mutu-ya-Kevela, na insurreição do Bailundo, em 1902, um evento dramático, hoje quase esquecido, mas que na época provocou enorme perturbação, tanto na colónia quanto na metrópole. A acreditar no testemunho de Francisco Cabral de Moncada, governador de Angola, em *A Campanha do Bailundo em 1902* (Lisboa, Livraria Ferin, 1903), tudo teve origem na recusa de Mutu-ya-Kevela em pagar algumas ancoretas de aguardente. Os guerreiros ovimbundos começaram por atacar as residências e armazéns de comerciantes portugueses estabelecidos na região. Muitos brancos morreram. Os sobreviventes foram conduzidos, acorrentados de pés e mãos, até à embala de Mutu-ya-Kevela, que os juntou à restante escravaria. Parece-me uma curiosa ironia da História que alguns dos últimos escravos em Angola tenham sido brancos.

Sucederam-se vários ataques à Fortaleza do Bailundo e muitas centenas de mortos. A quatro de agosto de 1902 uma coluna portuguesa, comandada pelo tenente Paes Brandão, conseguiu encurralar Mutu-ya-Kevela. O «valente caudilho de guerra preta» – como lhe chamou

Francisco Cabral de Moncada, reconhecendo-lhe qualidades enquanto estratega militar – morreu com uma bala na cabeça.

Sakaita Savimbi guardava uma meia dúzia de canhangulos utilizados na sublevação. Por vezes excedia-se na bebida e regressava aos dias da cólera. Voltava a sentir o sangue a pulsar no pescoço. Via-se a si mesmo gritando de noite, no alto dos penhascos, contra os acampamentos dos soldados. Escutava os uivos dos feridos, o estalar do cavalo-marinho marcando as costas dos escravos brancos de Mutu-ya-Kevela. Carregava então os velhos canhangulos e corria pelas lavras disparando para o ar, maldizendo a sorte da guerra, e o crescente número de portugueses que, pouco a pouco, iam ocupando as terras dos ancestrais. O seu ódio não poupava os padres, tão pouco os missionários protestantes, na maioria norte-americanos, embora alguns destes fossem negros e demonstrassem grande interesse em aprender umbundo.

Fala Jonas Savimbi

Meu avô, meu avô Sakaita!

Vejo-o avançando na minha direção. Lá vem ele, alto, esgaldado, afastando as sombras aos safanões, e rindo e gritando em umbundo, enquanto agita no ar lavado da manhã um velho canhangulo ferrugento.

Aprendi com o meu pai a arte da dissimulação, essencial na política, e também no comando dos homens em tempo de guerra. Loth ensinou-me ainda a ser ambicioso. Um dia, devia eu ter sete ou oito anos, confessei-lhe o meu sonho: tornar-me maquinista. Todos os meninos, no mundo em que cresci, ambicionavam conduzir locomotivas. A linha do caminho-de-ferro ia criando mundos à medida que atravessava o país. Os maquinistas saltavam para a gare, suados, sujos de carvão, como heróis vindos de um tempo futuro. O comboio comandava as nossas vidas. Aqueles homens comandavam os comboios. Loth, o meu pai, não me quis ouvir:

«Vais ser médico!»

Na altura pareceu-me uma assustadora insensatez. Como se ele tivesse dito:

«Vais ser pássaro!»

Alguns dias mais tarde, contudo, alguém me perguntou o que eu queria ser quando crescesse, e não hesitei:

«Vou ser médico!»

A ambição, portanto, devo-a ao meu pai. A revolta, ao meu avô Sakaita. Dele herdei também o gosto por discursar em provérbios.

Mbeu okulonda ko cisingi, omanu vokapako.

O cágado não sobe sozinho nas árvores, alguém o colocou lá.

Fala o escritor

A bondade é transparente, não carece de explicação. Personagens de alma pura tendem a dar, já se sabe, fracas personagens. Almas puras, como a água pura, não sabem a nada. São matéria insípida. Personagens perversas, pelo contrário, fazem a alegria dos atores que as interpretam no cinema ou no teatro. O mal, mesmo rudimentar, parece sempre mais complexo e interessante do que o bem. O Diabo fascina. Os anjos, esses, nem sexo têm.

O nome Savimbi vem de «otchivimbi», que significa morto. O prefixo «sa» tem o sentido de «pai de». Portanto, pai dos mortos. Jonas designa pombo em hebraico.

Em que altura da vida Jonas se transformou em Savimbi?

Conheci-o. Escrevo isto e dou-me logo conta da imprecisão. Não o conheci, estou a tentar conhecê-lo. A primeira vez que lhe apertei a mão aconteceu numa tarde remota, no aeroporto do Huambo. Lembro-me de mim, a esta distância, como um rapaz assustadoramente magro, tímido, com um perfil de ave e uma cabeleira revolta e muito negra. Jonas Malheiro Savimbi estava na glória dos quarenta e um anos. Vi-o chegar abraçado a Miguel N'Zau Puna, um homem simpático, cujo sorriso iluminava tudo adiante, como um sol particular. A família Puna orgulha-se de descender de Mongovo Manuel Puna, feito Barão de Cabinda pelo Rei Dom Luís I de Portugal, e um dos signatários do famoso Tratado

de Simulambuco. Miguel N’Zau Puna era, à época, o secretário-geral da UNITA. Rompeu com o movimento em 1992, pouco antes das primeiras eleições, acusando o antigo companheiro de uma vasta coleção de crimes imaginativos e pavorosos. Os dois guerrilheiros vestiam camuflado e traziam reluzentes AK-47 a tiracolo. Havia muita gente. Todos aplaudiam. Jonas Malheiro Savimbi aproximou-se de mim e estendeu-me a mão. Cada um dos três movimentos criara como imagem de marca um aperto de mão diferente. Atrapalhei-me, e saudei-o com o aperto de mão do MPLA. Ele encarou-me, surpreendido, mas não disse nada. Avançou e esqueceu-me.

Voltámos a encontrar-nos em 1995, no 8.º Congresso da UNITA, no Bailundo. Fui um dos raros jornalistas autorizados a cobrir o evento. Seis anos antes assinara uma série de reportagens no semanário *África*, de Lisboa, sobre dois jovens dissidentes da UNITA, André Yamba Yamba e Armelindo Kanjungo, os quais me haviam passado para as mãos testemunhos e documentos, incluindo o diário de um outro militante, supostamente um agente da polícia política do movimento. Emergia assim um dos mais aterradores episódios da guerra civil. A história era de tal forma inverosímil que quando tentei publicá-la pela primeira vez, no semanário lisboeta *Expresso*, fui enxotado pelo chefe da secção internacional, hoje a trabalhar em Luanda, para o *Jornal de Angola*: «Isso é propaganda do governo angolano!» – gritou-me. «Aqui não aceitamos propaganda do governo angolano.»